VI Semana de História do Pontal
Sociedade, Cultura, Patrimônio
25 A 28 DE SETEMBRO DE 2018
V Encontro de Ensino de História
ISSN 2179-5665

"Nós, mulheres": as reivindicações das eletricitárias do Sindieletro (1983-1985)

Victória Ferreira Cunha
Graduanda em História ICH/UFU

Giliard da Silva Prado
Professor do Curso de História ICH/UFU

Introdução

Compreendemos que o século XX foi constituído por importantes transformações na sociedade. As mudanças científico-tecnológicas transformam o cotidiano de milhares de pessoas ao redor do mundo, marcando as últimas décadas do século com o êxodo significativo do campo para a cidade, estabelecendo uma vivência urbana marcada pela ampliação das atividades no âmbito do trabalho industrial e na área de prestação de serviços.

A inserção da mulher no mundo do trabalho, como sabemos, pode ser considerada, se pensarmos na condição histórica dessa trajetória no Brasil, desde os tempos coloniais e, mesmo após o período de servidão, como tratado por Sidney Chalhoub. No início dos novecentos, algumas mulheres encontraram escapes e meios para saírem de relações violentas ou mesmo indesejadas, se tornando na medida que o contexto possibilitava, dirigentes de sua própria história.

Todavia, as mulheres que aqui são investigadas estão inseridas no primeiro cenário, especificamente durante a década de 1980. Estas, foram trabalhadoras na Indústria de Energia Elétrica de Belo Horizonte, na Companhia Energética de Minas Gerais (CEMIG), compreendidas aqui enquanto eletricitárias. O acesso aos fragmentos de suas experiências ocorreu devido à existência do periódico do sindicato ao qual eram filiadas, o Sindieletro.

A falta de fontes que possibilita a compreensão das vivências femininas no mundo é uma preocupação da historiadora Michele Perrot, que ao tratar da história – o relato dos fatos e acontecimentos, das rupturas e permanências ao longo do tempo –, estabelece que muito

ISSN 2179-5665

pouco foi deixado diretamente por mulheres, restando relatos que partem do olhar do outro, o homem, que as imaginam e as representam. (PERROT, 2006: 17) Sobre a lacuna das mulheres nos documentos, no que condiz à visibilidade histórica, a autora pontua:

> O relato histórico é olhar, escritura, artefato, não artifício, certamente, mas escolha intimamente ligada ao presente do escritor. O esquecimento de que as mulheres têm sido objeto não é uma simples perda de memória acidental ou contingente, mas o resultado de uma exclusão consecutiva à própria definição de História, gesto público de poderes, dos eventos e das guerras. Excluídas da cena pública pelas funções ditadas pela "natureza" e pela vontade dos deuses/Deus, as mulheres não podiam aparecer nela a não ser como figurantes mudas, penetrando por arrombamento ou a título de exceção – as mulheres "excepcionais", heroicas, santas ou escandalosas –, relegando à sombra a massa de outras mulheres. (PERROT, 2009: 112)

Nesse sentido, visando ampliar com a seguinte investigação a visibilidade da presença feminina no âmbito do trabalho, ao questionar nossa fonte, uma coluna escrita pela "Comissão de Assuntos Femininos", intitulada "Nós, Mulheres" no periódico do referido sindicato, buscamos compreender as práticas que caracterizam a atuação política e sindical das mulheres operárias no Sindieletro.

Outros objetivos contidos na presente pesquisa constituem em explorar as representações construídas acerca do gênero feminino no universo do trabalho e no cotidiano feminino, assim como perceber as principais reivindicações femininas em sua luta por direitos.

O presente artigo propõe discutir no primeiro momento algumas questões referentes ao periódico do sindicato "Sindieletro", refletindo sobre a função da imprensa e acerca da trama política que o referido periódico busca constituir. Ainda nesse momento, buscaremos contextualizar nos limites desta investigação, os movimentos que perpassaram e se aproximam do nosso objeto de estudo.

O segundo momento será reservado para a análise do conteúdo da coluna "Nós, Mulheres", levando em consideração a criação da "Comissão de Assuntos Femininos", desenvolvendo de forma ampla a compreensão dos temas discutidos referentes tanto à

ISSN 2179-5665

presença da mulher no âmbito do trabalho como também de sua vivência cotidiana, de seu mundo particular.

Procuramos como apresentado anteriormente, compreender de que modo as mulheres se organizam no mundo sindical e como constroem suas pautas no intuito de responder as seguintes questões “Há diálogo?”, “Como arquitetam suas reivindicações e atuam no universo do trabalho?”, “Em que medida as reivindicações das mulheres sindicalizadas da Cemig se aproximam do contexto da época?”.

I. O periódico Sindieletro e a década de 1980

As autoras Heloisa Cruz e Maria do Rosário Peixoto nos instiga a refletir sobre a função política e social desenvolvida pela imprensa periódica. Nesse sentido, compreendemos que por se tratar de um jornal autônomo do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Energética de Minas Gerais, este se propõe enquanto articulador de seu contexto. O Sindieletro busca informar sua classe levando ao seu público leitor uma série de pontos de vista, construindo assim sua agenda política.

O periódico Sindieletro (jul. 1983 – abril 1990) é o terceiro momento da imprensa do Sindicato, sendo seus antecessores “O Hidroelétrico” de 1956 a 1961 e “Hidrelétrico” de 1961 a 1983. Ele constitui um importante marco na vida do periódico, pois seu posicionamento político ao longo das publicações se distingue de maneira significativa dos primeiros periódicos visto o caráter combativo que adquire.

Houve uma lacuna entre os anos de 1973 e 1978 e, quando o periódico retorna neste ano, sua volta constitui um novo caráter assim como um novo layout. Em um tom mais crítico, o novo jornal contém agora uma capa com a chamada das principais matérias e charges ou ilustrações que buscam ironizar a principal discussão que a publicação traz.

Se antes o “Hidrelétrico” dialogava com o governo e com suas diretrizes assistencialistas, o “Sindieletro” se articula amplamente com ABC paulista no intento de reivindicar melhorias para a classe trabalhadora. Se na década de 1970 o sindicato aqui investigado não travava lutas contra o governo e o capital, o início da década de 1980 o torna bastante combativo nesse sentido.

ISSN 2179-5665

Acreditamos que o posicionamento presente nessa terceira fase do periódico sindical se aproxime do contexto mais amplo do período no Brasil, ou seja, do "novo sindicalismo" como consagrado pelo autor Eder Sader.

Desse modo, esse novo sindicalismo surge questionando a organização sindical vigente, buscando superar a perda de representatividade, a plena liberdade sindical, a negociação direta com os patrões e o direito à greve.

Consideramos que a discussão no periódico progrediu no campo político não apenas pela expressão de insatisfação que fica explicita no âmbito do trabalho, mas também pelo fato de a coluna "Nós, Mulheres" se fazer presente e expressar a insatisfação feminina.

A conjuntura pareceu favorável para que estas mulheres tivessem a possibilidade de discutir questões próprias do universo feminino, em espaço próprio no periódico do Sindicato dos eletricitários, majoritariamente masculino.

Justificamos a colocação acima constando que o mundo presenciou um progresso evidente no que tange a pautas e reivindicações femininas a partir da década de 1970, que se desdobraram de diferentes maneiras em Estados Nacionais na forma de políticas públicas e direitos constitucionais.

O movimento feminista pode ser considerado como um dos importantes fatores para a propagação das demandas femininas. Acreditamos que o movimento influenciou em grande parte a ação da ONU em decretar a partir de 1975 a "Década da Mulher".

No Brasil, período no qual a ditadura militar ainda estava vigente, muitas mulheres consideradas feministas e pertencentes à nova esquerda estavam em exílio na França. Desse modo, a ocasião foi aproveitada pela esquerda ortodoxa, mais especificamente pelo Partido Comunista Brasileiro (PBC), como pontua Maria Lygia Quartim de Moraes.

Ainda em diálogo com a autora, temos que a militância em primeiro plano no período é o socialismo. Todavia, se consta a ocorrência de uma dupla militância – socialista e feminista – de modo que a primeira se sobrepõe à segunda. Isso refletiu nas discussões de muitos sindicatos na ocorrência de encontros femininos, tendo em vista a preocupação de uma possível "ruptura" ou segregação do movimento operário como um todo.

É importante constar que após o retorno do exílio, muitas dessas militantes feministas se inseriram nos diversos movimentos sociais constituídos até aquele momento, como a

ISSN 2179-5665

pastoral, as Comunidades Eclesiais de Base (CEB's), os sindicatos, os grupos de mães e os grupos de bairros.

A imprensa alternativa feminista também desempenhou um importante papel na época, de modo que destacamos as revistas "Nós Mulheres" e "Brasil Mulher". Contudo, como destaca Moraes, se por um lado ocorria a ampliação da discussão acerca do universo feminino e de suas especificidades, gerando um aumento significativo nas frentes de luta, por outro, concomitantemente, a imprensa feminista encerrava suas atividades.

Não nos determos a tal questão paradoxal no presente artigo, todavia acreditamos ser importante ressaltar que as feministas durante esse período contribuíram substancialmente para a ampliação da discussão sobre a mulher, assim como na construção de reivindicações próprias no mundo do trabalho e no contexto sindical da época.

II. "Nós, Mulheres": A organização, a atuação e as reivindicações das eletricitárias.

A coluna intitulada "Nós, Mulheres" foi publicada pela primeira vez em abril de 1983, permanecendo no periódico Sindieletro até setembro de 1985, totalizando nove publicações ao longo desses dois anos.

Sob autoria da "Comissão de Assuntos Femininos", a função da coluna se estabeleceu sob múltiplas diretrizes, ao informar as eletricitárias em geral sobre questões acerca da campanha salarial, a coluna igualmente fomentou importantes debates no que tange ao lugar que a mulher ocupa socialmente, assim como buscou denunciar discriminações e arbitrariedades presentes no mundo do trabalho. Por outro lado, também contribuiu na reflexão do mundo íntimo feminino, mas em menor proporção.

Com relação ao número de mulheres que trabalharam na Cemig durante o período pesquisado, a última coluna nos apresenta dados que demonstra o aumento de trabalhadoras. De 1984 para 1985, cerca de 200 novas mulheres entraram no quadro de funcionários da Cemig. A nona coluna consta que o número de eletricitárias é maior que 1.500, ou seja, o número de mulheres que trabalham na Cemig cresceu se compararmos ao dado apresentado na coluna nº 5 onde o número era de 1.300 mulheres.

No que diz respeito às temáticas presentes durante essas publicações, destacamos em primeiro lugar a questão da creche, muito debatida e reivindicada pelas eletricitárias a partir da coluna e também presente em algumas campanhas salariais. Dentre outros temas,

ISSN 2179-5665

destacamos o lugar que a mulher ocupa socialmente, sua inserção no mundo do trabalho, o machismo presente no ambiente de trabalho e inserção da mulher na luta sindical.

A coluna "Nós, Mulheres" é inaugurada com o seguinte título: "Lugar de mulher é na cozinha?". Compreendemos com a leitura que o que se busca concretizar é a mulher no mundo do trabalho, não pensando nas condições sociais e culturais que a afetam como um todo, mas a intenção é discutir e organizar o terreno para que essas mulheres tenham condições adequadas para que se insiram e permaneçam no mundo do trabalho.

> Por muito tempo, esta foi a visão dominante em nossa sociedade. Hoje, porém, nós mulheres, começamos a erguer a cabeça e sair da cozinha, em busca de nosso espaço na vida do País. Começamos a nos integrar às atividades econômicas, sociais e culturais. Entretanto, há problemas concretos que dificultam esta integração, tais como discriminações, as mais diversas, preocupação constante com os filhos e a dupla jornada de trabalho. Essas questões, e muitas outras, precisam ser debatidas e solucionadas. (HIDRELÉTRICO, abr./83: 4)

Como relata o trecho acima, retirado da 1ª publicação, há neste momento a clareza mesmo que relativa, de barreiras que existem socialmente com relação à mulher. Temos a utilização de termos como "dupla jornada de trabalho" e "discriminações" que são próprios da discussão do mundo feminino.

Contudo, a "visão dominante em nossa sociedade" entendida por nós como uma visão machista, é posta no passado, elencando uma ruptura, e não enquanto uma continuidade vem sendo questionada, mas deixada no passado, findando.

As quatro primeiras colunas têm características em comum, pois discutem a mulher no universo do trabalho e convidam as companheiras para participarem do IIº Encontro da Mulher Urbanitária (EMU). Nesse sentido, em diálogo com Moraes, percebemos um movimento parecido, mas anterior ao ano de 1984, como a realização do "Congresso das Mulheres Metalúrgicas" em 1978, seis anos antes e com a participação efetiva do grupo de feministas remanescentes do jornal "Nós, Mulheres" e "O Brasil Mulher". Segundo a autora, o período foi de efetiva efervescência no campo da luta feminina, tendo a participação das feministas desempenhado importante papel.

> O Congresso das Metalúrgicas constitui o primeiro de uma série e, pouco a pouco, as categorias profissionais com forte presença feminina passariam a se organizar em torno da discussão da questão

ISSN 2179-5665

> feminina. A reação das diretorias sindicais também era parecida: tentar conter o movimento das operárias nos limites do maior economicismo possível, tentando ganhar sua adesão para o sindicato (como força auxiliar) mas nunca para sua luta específica de mulher. As feministas, por sua vez, defendiam a criação de departamentos femininos, como instrumento indispensável à luta da trabalhadora contra a superexploração de que é vítima. (MORAES, 1990: 44)

Nos parece próximo às resoluções tiradas anos depois pelo IIº Encontro da Mulher Urbanitária, aquelas expostas inicialmente no Congresso das Mulheres Metalúrgicas, como por exemplo a criação de Comissões e Departamentos Femininos.

É importante pensar na centralização proposta pelo II Encontro da Mulher Urbanitária no que diz respeito aos Departamentos Femininos nos Sindicatos, com a criação de uma Coordenação Nacional, visando "integrar todas as entidades e possibilitar a troca de experiências e auxílio entre as companheiras". Se a intenção do II EMU se concretizou, não sabemos, contudo, a proposta era de coleta de dados, em diálogo profícuo com as comissões em busca de ficar a par das "necessidades, limitações e sugestões" das companheiras e além disso, realizar debates, conferências e seminários com relação a "assuntos femininos e de interesse geral sobre nossa realidade sócio-político-econômica". (SINDIELETRO, jul./1983: 4)

Compreendendo que há a especificidades, como os locais, ocorrido o primeiro congresso em São Paulo e o segundo em Minas Gerais, observamos também que os contextos de ação dos sindicatos – o Sindieletro em Minas Gerais e o dos metalúrgicos São Paulo (ABC paulista) – agiam de diferentes formas.

O ABC paulista se apresentou bastante combatente a partir da década de 1970, sendo que neste mesmo período o Sindieletro parecia dialogar bastante com a proposta do governo militar para os sindicatos. Tanto que o início da coluna "Nós, Mulheres" surge justamente em uma nova perspectiva política do Sindieletro, anos depois dos ocorridos em São Paulo.

Outra questão que pode ser elencada sobre esses encontros é a troca de saberes e a formação propriamente dita que ocorre durante as discussões e palestras contidas nos eventos.

A autora enxerga negativamente parte das discussões propostas visto que esta seria uma postura da esquerda ortodoxa, de concepções e métodos de trabalho, que visavam romper o subdesenvolvimento feminino a partir de "esclarecimentos", o que tornaria as mulheres

ISSN 2179-5665

mais aptas a participarem na sociedade, visto que esta participação era tida como não suficiente.

Ainda refletindo sobre essas aproximações, a dupla militância, como apresentada na primeira parte desse artigo, é bastante presente na discussão da coluna "Nós, Mulheres", de modo que aparece nas colunas de nº 1, nº2, nº 6, nº 8 e nº 9.

Um trecho da coluna número 4, destaca que a participação das companheiras do Sindieletro no Encontro das Mulheres Urbanitárias fortalece o movimento "feminino" e não feminista.

A publicação que deixa evidente a suposta sobreposição da luta socialista sobre a feminista é a de número oito, onde a diretora do Sindicato e coordenadora da Comissão Feminina, Cláudia Ricaldoni, cede entrevista ao periódico para discutir as atividades da comissão.

> A participação das mulheres no Sindicato, como de qualquer trabalhador, antes de tudo deve ser pela **consciência de classe**. A existência e generalização de interesses individuais comprometem o fortalecimento da entidade. A participação oportunista, preocupada apenas com algumas facilidades proporcionadas pelos convênios, por exemplo, sobrepujam as lutas que devem ser travadas por toda a categoria. Devemos prosseguir o trabalho de base iniciado e fazer **crescer a consciência de todos os trabalhadores** de que o desenvolvimento de todo um sindicato combativo elimina com mais facilidades os problemas que atingem a categoria. Faremos todo o possível para estimular uma maior e mais firme presença feminina tanto nas reuniões e assembleias quanto na própria configuração da diretoria do sindicato. A participação das mulheres em todos os níveis pode trazer melhor **equilíbrio** na análise e condução de nossas reivindicações. (SINDIELETRO, mar./1985: 6)

Cláudia Ricaldoni fala sobre uma maior participação das mulheres no sindicato e deixa claro que esta deve ser incentivada pela "consciência de classe", e pelo que compreendemos, não se tornando uma organização de mulheres propriamente, mas levando em consideração em primeiro plano sua condição enquanto trabalhadora e suas reivindicações a partir desta perspectiva.

No que diz respeito à organização das mulheres no sindicato, a coluna nº 5, publicada em outubro de 1984 evidencia o caráter coletivo na construção das pautas e reivindicações ao

ISSN 2179-5665

apresentarem uma rede de comunicação eficaz ao dialogar com as mulheres da categoria, através de questionários e pesquisas.

Abordam nesta coluna as questões que foram elencadas após questionário entregue às mulheres eletricitárias com relação à auxílio creche, berçário, etc. Ao que parece, a questão da creche é a mais discutida pelas mulheres deste sindicato.

O envio do formulário possibilita, como evidenciado pela comissão, a participação da maioria das mulheres eletricitárias na construção das reivindicações femininas na Campanha Salarial do ano de 1984.

Tivemos a partir dessa coluna, o acesso à quantidade de mulheres que trabalhavam na Cemig à época, cerca de 1300 mulheres. Oitocentos questionários foram distribuídos e destes, apenas 300 foram respondidos.

A partir dos dados apresentados, temos que 49% das mulheres que responderam o questionário têm filhos, em um total de 150 crianças.

> Além destas duas questões mais imediatas, o questionário permitiu levantar também inúmeras sugestões e ideias que serão todas aproveitadas. Permitiu saber o que pensa a mulher eletricitária, suas dúvidas, necessidades, e nos orientou no sentido de trabalharmos para responder a estas expectativas. (SINDIELETRO, out./1984: 6)

Ao tratar sobre a questão da creche, compreendem os trâmites sociais que perpassa o problema, como “que posições a mulher assume frente ao problema de trabalhar e deixar os filhos nas creches ou em casa”.

O interessante da coluna é perceber os meios pelos quais as mulheres dialogam entre si e as ferramentas que utilizam para construir democraticamente suas pautas.

Ainda discutindo sobre a organização e mobilização por parte das trabalhadoras, retornamos à coluna de número oito, para destacar a discussão de outros temas que são evidenciados na coluna – o assédio moral, a representatividade e o assédio sexual.

A diretora, Cláudia Ricaldoni elenca a participação e mobilização das mulheres como ponto fundamental para que se concretize reivindicações propriamente femininas no âmbito do trabalho.

> As próprias mulheres definiram os pontos prioritários [...] A extensão do auxílio creche e do reembolso de despesas com guardiã, ambos até cinco anos, só foi possível pela maior participação das mulheres nas

ISSN 2179-5665

> assembleias do sindicato e na mesa de negociação com a empresa. (SINDIELETRO, dez./1984: 6)

Além disso, Ricaldoni conta o processo que culminou na ampliação da participação, como o caso do questionário distribuído e além disso, atribui o sucesso da campanha à participação da mulher na mesa de negociação "É um espaço importante que foi ocupado, pois nada melhor que a própria mulher apresentar e defender suas reivindicações". Neste sentido, percebemos aqui um posicionamento muito claro no que condiz à representatividade, de modo que a mulher e, unicamente ela, deve reivindicar por aquilo que é propriamente seu, sua vivência e luta diária.

O que nos chama a atenção nesta coluna são as denúncias sobre assédio apresentadas pela diretora,

> "Muitas chefias pressionam as companheiras casadas ou grávidas. Foi até colocado que a mulher é "meia-funcionária", produzindo pouco para a empresa. Tudo isto sem falar nas "cantadas" de alguns chefes, da dificuldade de promoção e ascensão funcional, principalmente para cargos técnicos." (SINDIELETRO, dez./1984: 6)

Como proposta de atividades da Comissão Feminina, sua coordenadora sugere a criação de "canais de comunicação e denúncia". Mas, como dito anteriormente, não ficamos a par de casos ou situações particulares de assédios e arbitrariedades, e nada sabemos sobre o posicionamento da Cemig ou do Sidieletro perante tais questões.

Ainda em diálogo com discussões mais específicas sobre o universo feminino, acreditamos ser a publicação número oito a que deixa em evidência a reflexão sobre o ser mulher. Como por exemplo, "Ser mulher não é sinônimo de ser mãe. Tal papel também nos cabe, mas não se esgota aí nosso mundo". (SINDIELETRO, mar./1985: 6)

A coluna aborda mais de um posicionamento no campo das ideias. Se por um lado visa a cautela ao abordar as questões propriamente femininas no âmbito sindical, buscando o favorecimento de todos os trabalhadores, por outro, aborda questões próprias do discurso feminista, como segue:

> Os limites intelectuais e físicos que supostamente existem são produtos da evolução cultural e da submissão histórica de séculos. Tal bagagem cultural é pesada para mulheres e homens. [...] A mulher não é naturalmente dócil, submissa, alienada, assim como o homem não é sempre forte e superior como querem nos fazer crer. É através do

ISSN 2179-5665

> **condicionamento social** que assumimos estes papéis, que de certa maneira distanciam mulheres e homens, na medida que conferem a cada um, um mundo e campos de ação diferenciados. [...] Na realidade, nós mulheres, não queremos usurpar o espaço do homem, mas sim ocupar o nosso espaço no mundo, espaço este vago há muito tempo. (SINDIELETRO, mar./1985: 6)

Ao desaprovarem o "condicionamento social", as mulheres apresentam clareza sobre a construção cultural que ocorre em torno do gênero e deixam claro que tal percepção faz mal a ambos os sexos. Outro aspecto que pode ser evidenciado é o desejo de igualdade presente na última frase, pois não se trata de usurpar o lugar do homem, mas de viver dignamente, de também ter espaço e oportunidades.

Considerações finais

No decorrer de nove publicações, percebemos que o diálogo estabelecido por essas trabalhadores sindicalizadas se constituiu a partir de posicionamentos diversos. Assim como dito anteriormente, permanecemos concluindo que o que buscavam constituir era a mulher no mundo do trabalho. Todavia, na medida do possível, conduziram discussões em voga na época e próprias do universo feminino.

Se a Comissão de Assuntos Femininos criou um grupo uno e forte de mulheres que lutaram por suas causas no ambiente de trabalho, não sabemos. Contudo, sabemos que conseguiram avanços consideráveis com relação à Cemig, estabelecendo importantes laços de diálogo dentro do Sindicato. Além disso, participaram de uma importante rede durante as décadas de 1970 e 1980 para pensar o ser mulher em âmbito nacional, mesmo que através de categorias.

Fontes:

1ª coluna: **HIDROELÉTRICO**. Belo Horizonte. nº 38, abr./1983.
2ª coluna: **SINDIELETRO.** Belo Horizonte. nº 39, jul./1983.
3ª coluna: **SINDIELETRO.** Belo Horizonte. nº 42, fev./1984.
4ª coluna: **SINDIELETRO.** Belo Horizonte. nº 44, jul./1984.
5ª coluna: **SINDIELETRO.** Belo Horizonte. nº 45, out./1984.
6ª coluna: **SINDIELETRO.** Belo Horizonte. nº 47, dez./1984.
7ª coluna: **SINDIELETRO.** Belo Horizonte, nº 48, fev./1985.

ISSN 2179-5665

8ª coluna: **SINDIELETRO.** Belo Horizonte. nº 49, mar./1985.
9ª coluna: **SINDIELETRO.** Belo Horizonte. nº52, set./1985.

Referências:

CRUZ, Heloisa de F; PEIXOTO, Maria do Rosário C. **Na oficina do Historiador**: Conversas sobre História e Imprensa. São Paulo: Projeto História, nº 35, dez. 2007.

MORAES, Maria Lygia Q. **A experiência feminista dos anos setenta**. Araraquara: UNESP, 1900.

PERROT, Michelle. **Minha História das Mulheres**. São Paulo: Contexto, 2018.

PERROT, Michelle. História (sexuação da). In: HIRATA, Helena; LABORIE, Françoise; LE DOARÉ, Hélène. SENOTIER, Danièle; (Orgs.) **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

SADER, Eder. Matrizes discursivas. In: **Quando novos personagens entram em cena**: experiências e lutas dos trabalhadores da grande São Paulo 1970-1980. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

SEVCENKO, Nicolau. **A Corrida para o Século XXI**: No loop da montanha russa. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.